TESTAMENTO,

QUE FEZ

O D. QUIXOTE DA FRANÇA,

ANTES DE PARTIR PARA A SONHADA CONQUISTA DA RUSSIA.

POR

JOSE' DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

Quebrárão na Russia
Os negros focinhos,
Não só Buonaparte,
Mas Buonapartinhos.

ALviçaras, Portuguezes,
Que o Corso vai mal nas guerras,
Pela Russia, como Lobo,
Fugio por valles, e serras.
Quando este Corso anda a corso,
Vem com muita furia, e força,
Mas a fugir das caçadas,
De Corso se torna em Corsa.
Mudou de nome, e não he
Como d'antes, Buonaparte,
Desde que sahio do curro
Ficou sendo Boi-naparte.
Eis o Papão do Universo,
Eis o guerreiro afamado,
Foge, como fez no Egypto,
Quando se vê apertado.

Na

Na Russia já hia sendo
Hum Christão da Igreja Grega,
Que elle abraça toda a Lei
De qualquer Reino onde chega.

Foi á Russia o coitadinho,
Para pôr as contas justas,
Mas decahio da demanda,
E hia a ficar pelas custas.

De Cossacos, ou de Russos,
Huma amostra prometteo;
Porém das Tropas Francezas
Elle he que as amostras deo.

Nisto bem se verefica,
Que o diabo não tem sono,
Fez perder o companheiro,
Por dar o seu a seu dono.

Sim, Senhores, o demonio
Quer que todo o Mundo observe,
Que elle prompto em todo o tempo
Sempre paga a quem o serve.

O Corso neste theatro,
He cómico inferior;
Não sabe representar
O papel de Imperador.

No Norte quiz ser valente,
E em Castela, e Portugal;
Só pareceo nos Decretos,
Ser papagaio Real.
Se o malvado sabio fosse,
Devia cohibir seu erro,
Vendo os Déspotas antigos
Mortos com veneno, ou ferro.
Deseja que os Generaes
O tragão todos nas palmas,
Porém deixa o Rei José
Andar feito irmão das almas.
Sem duvida he Buonaparte
O Nero dos nossos dias,
E todos desejão ver-lhe
O coração em fatias.
Para dar-se a conhecer,
Não se precisa lembrar
As temerarias traições,
Com que se fez ellevar.
Basta trazer á memoria,
Os seus malditos projectos,
De fazer matar humanos,
Como se matão insectos.

Mas a medida está cheia,
E o meu coração me diz,
Que o temporal vai crescendo
Para a parte de París.
Hei de ver os Generaes
Da França, de orelha baixa,
Tornados aos seus officios,
Por pão, comendo bolaxa.
A illustre Legião de Honra,
Inda a espero ver tambem,
Vendendo os Habitos todos,
A tres duzias hum vintem.
As Aguias d'aza cahida,
Espero vê-las no chão,
Visto que entrárão na França
Por caça de arribação.
Ellas são como os mosquitos,
Que zunindo atraiçoados,
Tanto mordem, tanto zunem,
Que vem morrer esmagados.
Sim, cruel homem tyranno,
Se outra campanha arriscada
Te chega a dar de cachete,
Tornas pygmeo ao teu nada.

Traze á lembrança, preverso,
A Fabula da ambição,
Do cão co' a posta na boca,
Que n'agua vio outro cão.
Da tua grandeza fofa,
Dás pouco a pouco consumo,
Toda a tua omnipotencia,
Se torna em rolos de fumo.
O que passaste na Russia
Foi para saberes bem,
Que a Omnipotencia de hum Deos
Não se confia a ninguem.
E se em ti de hum ser Divino,
A vaidade se arraigou;
Porque perdeste a batalha,
Que tantas vidas custou?
Sabes porque? Porque es homem,
Escudo da vil intriga,
Que Deos em quanto lhe apraz
Soffre, mas depois castiga.
Esse Alexandre immortal,
Que he dos Magnos o segundo,
Nessa lição, que te deo,
Te ensinou o que era o Mundo.

 Gra-

Graças á Nação Britanna,
Que tudo sabe prever,
Desmascarando hum traidor,
Que o Mundo intenta perder.
Mandou Deos para acodir
A' Epoca desgraçada
O animo do Grande Jorge,
Do forte Alexandre a espada.
Deixemos que o tempo vôe,
Nada sem tempo se faz,
Longos annos dura a guerra,
N'hum dia se assigna a paz.
Então virá o socego,
Findaráõ sentidos ais,
E virão guerreiros filhos,
Para os braços de seus pais.
O tempo já se approxima,
Em que os Povos Lusitanos
Hão de ver em Portugal
Os seus Inclytos Sob'ranos.
Densas nuvens do desgosto,
Inda se hão de desfazer;
Dissipada a tempestade,
Ha de o Sol apparecer:

E em quanto não raya o dia,
Deste bem apreciado,
O Povo se regozije
De ver o Tigre acossado.
Agora passo a contar
O que em cartas me constou,
Do passo que o Corso deo,
Quando ir á Russia intentou.
Já temendo ficar lá,
Ou morto, ou n'alguma rede,
Pois que elle conheceo bem
Que os Russos lhe tinhão sede:
Para se livrar de encargos,
Quiz dispôr a seu contento;
E huma noite no seu quarto
Tratou do seu Testamento.
Fictou os olhos no tecto,
E com a penna na mão,
Lembrou-se da parentéla
Na final disposição.
A' mão me veio o papel,
Trasladei-o, dei no vinte,
Sem lhe faltar pallavrinha,
Foi pelo theor seguinte.

Testamento que fez Buonaparte na vespera do dia em que partio para a Russia.

EM nome do Omnipotente,
Não desse Deos verdadeiro,
Que eu quero ser o primeiro
Cá nesta vida presente:
O Mundo faço sciente
De apontamentos, e róes;
E vendo-me em máos lençoes,
Entre os quaes morrer espero,
Por Testamenteiro quero
O meu Manél de Godóis.

Declaro muito sentido,
Que se eu for desbaratado,
Fica hum plano mal logrado,
Que tinha ha pouco tecido:
Rogo aos que tenho offendido,
Que em mim não queirão fallar;
Porém se isto não bastar,
(Tomando hum severo aspecto,)
Passe o Senado hum Decreto,
Em que os obrigue a callar.

Con-

Confesso, e confessarei,
Que na Lei Christã nasci,
Que á dos Turcos me cingi,
E que o Atheismo abracei:
Que da natureza a Lei,
Nunca foi do meu agrado;
Que por me não ver pezado
De contas no fim da festa,
Se vivi como huma besta,
Morro como cão danado.

A' viuva Jozefina,
Para se poder manter,
(Se o Povo de lá quizer,)
Lhe deixo o Imperio da China:
Nisto lhe fica huma mina,
Já que com ella vivi;
As casas em que nasci
Deixo-as ao Mano José;
E á minha Tropa de pé
Quanto pelo Egypto vi.

Quan-

Quanto á Hespanha se roubou,
Deixo ao Reisinho de Roma,
Que não he pequena somma
A que por lá se ajuntou:
Bastante obrigado estou
Aos que são do meu partido;
E querendo agradecido
Deixallos com refrigerio,
Lhes dou da Russia o Imperio,
Todo por mim dividido.

Aos Reis, que fiz por alcunha,
Deixo tudo o que lhes dei,
Já que nisto os entalei,
Coisa que nenhum suppunha:
Se algum fizer caramunha,
Veja lá como se assoa;
Porque do inferno onde vôa
Meu infernal estadão,
Com huma proclamação
Lhe posso tirar a croa.

Ao meu mui prezado Irmão,
Eis-Rei de Hollanda, e pertenças,
Dou impostos, juros, tenças,
Lá no Reino de Plutão:
Se a roda aqui não tem mão,
Vou no abysmo ser eterno;
E lá pondo outro governo,
Lançarei sem mais debate,
Contribuição de resgate
A's almas que estão no inferno.

Não obstante ingratidões,
Que tive de Luciano,
Deixo-lhe, porque he meu Mano,
Em Flandres duas Acções:
Deixo as minhas Protecções
Aos meus fieis Generaes;
Além disto deixo mais
A Murat, que he meu parente,
Tudo o que me he pertencente
Das heranças de meus Pais.

An-

Antes que a morte me rape,
Lamento a sorte mesquinha
De hum grande amigo que eu tinha;
Principe de Sape Sape: (1)
Nada quero que me escape,
De Madame era parente;
Morreo como hum padecente,
Foi morte que me custou;
Porque sempre se inclinou
A estripar com ferro a gente.

A' Anatomia applicado,
Gostou de sondar, e ver
Hum filho antes de nascer,
No ventre em que foi gerado:
Tenha a sua alma em legado,
Para casas de piedade
Da minha prata metade;
Rogo ao Tio Cardeal
Lhe bote a benção papal,
Que eu lhe darei validade.

Ao

(1) O Principe de Salmes-Salmes, que em Portugal com a sua espada abrio o ventre de huma formosa rapariga pejada, jactando-se de ter feito aquellas duas mortes; mas tambem consta, que em Portugal lhe tirárão a vida.

Ao meu Senado confiro
O poder de governar;
Faça por se sustentar,
Em quanto não levar tiro:
No meu Código lhe inspiro
Os meios de se ir mantendo;
Mas se o povo for movendo
Intrigas de levantado,
Quando se vir apertado,
Vá fugindo, e protegendo.

Deixo as Aguias, Sceptro, e Croa,
Ao directo Successor,
Que eu vou ser Imperador
Lá para a Estygea Alagoa:
Farei abaixar a prôa
A quantos lá despachei;
E se em França governei,
Suscitando novos usos,
Lá tambem tirando abusos,
O inferno em ordem porei.

Por alma não quero achar
Missas de corpo presente,
Que ella vai com boa gente,
E nada lhe ha de faltar:
Tambem me devo lembrar
Das mãis que filhos me derão;
Pois se batalhas vencêrão
Para o fim das minhas tramas,
Lhes deixo as mantas das camas,
Que de Portugal trouxerão.

Já tudo está repartido,
Resta fazer a jornada,
Levo esta alma consolada,
Por ter o Mundo mexido!
Se o acharem confundido,
Desembrulhem-no por cá;
E se alguem por coisa má
Tiver as minhas acções,
Eu não dou satisfações,
J'ai ma politique a moi.

Chrónica de Napoleão, Brutus, Ally, Buonaparte na seguinte Quadra.

Sabio da Corsega o Corso,
Qual toiro corre do curro,
Assentou-lhe o Real Manto,
Como casaca n'hum burro.

GLOSA *alheia.*

1.ª

Entre Leticia (1), e seu filho,
Houve murro, e cachação,
Sobre a illustre geração
Que ostentava o peralvilho:
Diz ella: *Negas-me o brilho*
De Marbauf (2), *e sem remorço?*
Então voltando-lhe o dorso,
Sem lhe dar outras respostas,
C'os alforginhos ás costas
Sabio da Córsega o Corso.

Obs-

(1) Leticia, Mãi do Ladri-potente Napoleão.
(2) Marbauf, Governador da Córsega, digno apaixonado de Madame Leticia.

2.ª

Obscura sorte mesquinha
Urdío seu primeiro fado,
Porém por Barrás (1) honrado,
A's venturas se avizinha:
Excitou com mão daninha
Em Toulon (2) horrivel urro;
A' Italia cheirou a esturro,
Quando este Jupiter toiro (3)
Lhe foi sem piedade ao coiro,
Qual toiro corre do curro.

Gal-

---

(1) Barrás, honrado tutor de Madame Jozefina, de cujos innocentes Lares, e casas interiores sahio para os heroicos braços de seu escrupuloso marido.

(2) Toulon, primeiro campo da gloria de Buonaparte, aonde fez metralhar mais de 5:000 Francezes no mesmo lugar, onde os fez concorrer, debaixo da condição de lhes perdoar a morte.

(3) O Corso, dignamente comparado com o Omnipotente Jupiter da testa para cima, quando roubou a Senhora Europa, conforme as boas intenções do nosso Heróe.

3.ª

Gallia, que engenho ostentou,
D'alta sciencia munida,
Foi dos Borbons parrecida,
E hum Buonaparte exaltou:
Este fero a maneatou,
A cobrio de sangue, e pranto;
E França cheia de espanto,
Por cima da rica farda,
Devendo pôr-lhe huma albarda,
Assentou-lhe o Real Manto.

4.ª

Já da antiga escravidão,
Se resgata a França toda;
Graças aos Solons da moda!
Ao Bruto Napoleão! (1)
Seja perpetua a inscripção,
Que á idade vindoura impurro;
Este Heróe digno de curro,
Espelho da atrocidade,
Assentou-lhe a Magestade,
Como casaca n'hum burro.

SO-

(1) *Napoleão*, *Brutus*, *Ally*, *Buonaparte*. São as denominações, de que o mesmo tem usado, e que marcão as celebres Epocas do seu heroismo, tomando o nome de Brutus, quando deo parte á Assembléa Nacional da execução de Toulon.

SONETO.

A Russia fez os Gallos em tabaco,
Assim, no globo, o diz da fama o ecco;
Porque no Corso audaz tem dado o pêco,
Premio que sempre tem quem he velhaco:

Por mais que quer sagrar seu irmão Bacco,
Hespanha manda á fava o badaméco,
Só França por fiar-se do taréco,
Se vê atada ao cêpo, qual macaco:

O Mundo inteiro lhe parece pouco,
Tem esgotado das Nações o suco,
Tem levado nas ventas muito sôco;

Sua ambição o faz cahir maluco,
Tanto quer exaltar-se altivo, e louco,
Que ha de ser outra Estatua de Nabuco.

Qualidades de Napoleão.

Nasceo para enganar,
Vive para destruir,
Discorre como doido,
Projecta com a ligeireza do vento,
Arde como furioso,
Desafoga como tempestade,
Gosta sem gosto fixo,
Desgosta sem motivo,
Casa-se por composição,
Descasa-se por machiavel,
Contrata por ambicioso,
Falta a tudo por matreiro,
Preside por impostor,
Occulta-se por desconfiado,
Humilha-se por giria,
Eleva-se por soberba,
Falla por presumido,
Cala-se por systema,
Premeia por interesse,
Castiga por malevolo,
Tem por lei a vontade,
E por justiça a vingança,
Tem amor de gato,

Tem

Tem odio de jacaréo,
Tem fereza de tigre,
Tem mansidão de cão damnado,
Tem partidas de poldro,
Foge como rato,
E ha de acabar com furias de leão,
E paradas de sandeiro.

FIM.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1813.

Com Licença.

Vende-se na Loja da Gazeta; na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva contigua, na do Madre de Deos ao Rocio; na de Paulo José de Oliveira ao Chiado; na de Francisco Xavier de Carvalho aos Martyres; na do Nascimento ao Correio; na do Leal em Alçantara; e em Belém na Loja de José Tiburcio.